

RISCOS E RABISCOS: A IMPORTÂNCIA DO DESENHO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Francisca Márcia Lopes do Nascimento ¹
Débora Cristina Vasconcelos Aguiar ²

RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso que tem por objetivo compreender o papel do desenho para a comunicação da criança e para o seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, emocional e social. Buscou-se ainda compreender a evolução do desenho ao longo dos anos; e analisar o processo gráfico infantil. O referencial teórico foi construído a partir da compreensão de Lowenfeld e Brittain (1970), Luquet (1969), Derdyk (1990, 2003) Piaget (2013) e Vigotski (1991). A pesquisa desenvolvida possui abordagem qualitativa, tendo sido realizada uma pesquisa de campo em uma instituição de Educação Infantil da rede pública do município de Independência – CE, que contou com a participação de 10 crianças da turma do Infantil V, na faixa etária de 5 e 6 anos. A obtenção dos dados foi dividida em dois momentos: primeiro, com a observação do cotidiano da sala de atividades; e segundo, por meio dos desenhos realizados pelas crianças, que foram um importante aliado neste contexto. Como resultados desta investigação, foi possível denotar que os desenhos infantis representam características do desenvolvimento infantil ao longo da evolução da criança, por meio de seus múltiplos aspectos. Desse modo, postula-se que o desenho enquanto meio de comunicação é um importante aliado para a compreensão da subjetividade da criança.

Palavras-chave: Criança, Desenho, Desenvolvimento infantil.

INTRODUÇÃO

O desenho desempenha um importante papel no processo de desenvolvimento cognitivo da criança. O rabisco projeta-se nas mais variadas superfícies, no chão, na parede, na folha, na mesa, podendo ele ser delicado, simples, vibrante, trazendo, assim, um significado para quem está a desenhar, mesmo que não seja compreensivo para quem vê de fora.

Desenhar é um importante elemento na aprendizagem da criança. Segundo Derdyk (2003, p. 24) [...] “Desenhar é conhecer, é apropriar-se.”. O desenho é como uma brincadeira, uma experimentação, que proporciona à criança o desvendar de um mundo de descobertas. Por meio dele, pode-se observar o desenvolvimento das crianças em diferentes áreas como, emocionalmente, fisicamente, socialmente, esteticamente e intelectualmente.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, ml315285@gmail.com;

² Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), Universidade Estadual do Ceará (UECE). Psicóloga, mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), debora.aguiar@uece.br.

A implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº. 9.394/96) foi um dos grandes passos para que a inclusão do ensino de Arte no currículo escolar, uma vez que integra o ensino de Arte ao currículo obrigatório na Educação Básica. Conforme consta no documento normativo: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Art. 26, § 2º). Nesse sentido, a expressão artística, a qual inclui o desenho, é compreendida como aspecto indispensável à formação humana.

Nessa perspectiva, este estudo objetiva: compreender o papel do desenho para a comunicação da criança e para o seu desenvolvimento integral. Além disso, de modo específico, buscou-se identificar a evolução do desenho ao longo dos anos; e analisar o processo gráfico infantil. Para alcançar os objetivos apresentados, foi sucedido um levantamento bibliográfico sobre os estudos de autores clássicos e contemporâneos, bem como uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo se sucedeu com o intuito de entender a importância do desenho infantil na aprendizagem da criança e como essa realidade se expressa no contexto local, pretendendo, assim, compreender o papel que o desenho exerce para o desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada possui abordagem qualitativa, investigando a atividade gráfica infantil como sendo de primordial importância no processo de aprendizagem da criança. A abordagem qualitativa, por sua vez, “[...] não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31).

Sobre o delineamento da pesquisa, foi conduzida uma pesquisa-ação.

Diversamente das pesquisas elaboradas segundo o modelo clássico da investigação científica em que as técnicas se caracterizam pela padronização, a pesquisa-ação tende a adotar preferencialmente procedimentos flexíveis. Primeiramente porque ao longo do processo de pesquisa os objetos são constantemente redefinidos, [...]. (GIL, 1946, p. 146).

Assim, como técnicas de coleta de dados, foram selecionados a observação participante e um portfólio construído com desenhos de crianças matriculadas no Infantil V. Os desenhos analisados foram coletados no decorrer do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, no ano

de 2019, entre os meses de fevereiro a abril do mesmo ano, no município de Independência - CE.

O estudo contou com a participação de 10 crianças da turma do Infantil V, com faixa etária entre cinco e seis anos. A coleta de dados ocorreu durante o estágio em Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, pela Faculdade de Educação de Crateús – FAEC.

Assim sendo, sugerimos uma atividade que permitisse às crianças desenharem livremente, pois, no período de observação, percebeu-se que elas apenas coloriam os desenhos prontos das atividades repassadas.

Foi proposta uma contação de história com o tema “Qual é a cor do amor?”. Em seguida, foi feita a distribuição dos lápis de cor e papel para que eles desenhassem o que entendiam sobre o amor e algumas indagações foram propostas. No primeiro momento notou-se um pouco de desinteresse por parte da turma. Adiante, após alguns incentivos, as crianças sentiram-se livres para desenhar, abusando, assim, do colorido.

Convém salientar, que os desenhos apresentados durante o percurso deste trabalho têm caráter ilustrativo, sendo, para isso, utilizados desenhos que foram arquivados durante o período de estágio e da minha rede convivência.

A CRIANÇA E O DESENHO

O desenho é uma forma de expressão bastante antiga, utilizada pelos povos primitivos desde a antiguidade, sendo uma maneira de comunicação e expressão utilizada por eles. Percebemos, assim, que o desenho possui uma bagagem mais ampla e significativa do que apenas o simples riscar do lápis sobre o papel.

Moreira (1991, p. 16) exemplifica que “É desenho a maneira como se organizam as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como se organizam as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha. [...]” Assim, desenhar adquire um sentido mágico que ultrapassa os traços refletidos sobre o papel, ou qualquer outra superfície a ser colorida.

Desenhar pode ser visto como algo “mágico”, que possibilita à criança explorar uma diversidade de materiais e expressar seus anseios, alegrias, vontades, medos e fantasias. Derdyk (2003, p. 56) salienta que

A criança desenha pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se aprimorar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis

escorrega pelo papel, as linhas surgem. Quando a mão para, as linhas não acontecem. Aparecem, desaparecem.

Neste seguimento, o que significa desenhar para a criança? O desenho muitas vezes é visto apenas como uma forma de recreação e distração, tendo o seu valor educativo e formativo sido subestimado ou desconhecido pelo senso comum. Por falta de informações sobre a importância do desenho enquanto ferramenta pedagógica, alguns pais, e até mesmo professores, negligenciam o desenvolvimento das expressões gráfico-plásticas da criança.

Em oposição a isso, o docente da Educação Infantil tem o papel de trabalhar com o desenho para que as crianças sejam estimuladas a expandirem seus pensamentos. Ele deve possuir todo um aporte teórico para fortalecer o desenvolvimento integral de todas as crianças, bem como ser munido do conhecimento de documentos normativo, a exemplo da BNCC (2018), que em seu conteúdo apresenta estratégias para o desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis.

Dos cinco campos de experiências referentes ao desenvolvimento e aprendizagem da criança na EI apresentados pela BNCC (2018), o desenho é citado em três, a saber: traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

CIRANDANDO PELAS FASES DO DESENHO

Os desenhos infantis são classificados de acordo com o estágio, fases, períodos, etapas ou qualquer outra terminologia utilizada para defini-los. Diferentes teorias e interpretações a respeito do ato de desenhar são pautadas por diversos estudiosos, que assinalam que o desenho passa por etapas, estando essas relacionadas à faixa etária de cada criança.

Alguns autores como Viktor Lowenfeld e Brittain, Georges Henri Luquet, Jean Piaget, dentre outros, são de suma importância para o entendimento sobre a evolução da produção gráfica infantil.

O filósofo francês Georges Henri Luquet (1969), considerado precursor do estudo sobre o desenho infantil, buscou compreender o desenho que a criança produz, estudando seu crescimento. Em seus estudos, enumerou quatro etapas do desenvolvimento gráfico das crianças, que são elas: realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e realismo visual.

O primeiro estágio, **realismo fortuito**, está dividido em desenho involuntário e voluntário, sendo que, progressivamente, a criança vai atribuindo sentido ao seu desenho, ordenando os traços de forma mais objetiva. “A princípio, para a criança, o desenho não é um

traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado para fazer linhas.” (LUQUET, 1969, p. 136).

Sucessivamente, no segundo estágio, **realismo falhado**, que ocorre entre os três e quatro anos, observa-se que a criança não possui coordenação nos movimentos, não considerando o que já desenhou. “[...] a criança não sabe dirigir e limitar os seus movimentos gráficos de modo a dar ao seu traçado o aspecto que queria [...]” (LUQUET, 1969, p. 147).

Em seguida, o terceiro estágio, **realismo intelectual**, inicia-se por volta dos quatro anos, estendendo-se aos doze. A criança desenha o que sabe, manifestando em seus desenhos “não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só têm existência no espírito do desenhador.” (LUQUET, 1969, p. 160).

O último estágio, **realismo visual**, começa geralmente aos doze anos. A criança tenta ser o mais realista possível. Neste momento, ocorrem as submissões às leis, focando, assim, seu olhar num desenho com uma maior fidelidade.

Figura 01: Realismo fortuito



Fonte: acervo pessoal.

Figura 03: Realismo intelectual



Fonte: acervo pessoal.

Figura 02: Realismo falhado



Fonte: acervo pessoal.

Figura 04: realismo visual



Fonte: acervo pessoal.

Adiante, os autores Viktor Lowenfeld e Brittain (1970) classificaram o desenho das crianças em estágios, sendo eles: garatujas (desordenadas, controladas e com atribuição de nomes); pré-esquemático; esquemático; e, por fim, realismo nascente.

O primeiro estágio, das **garatujas**, é classificado em três fases que são elas: **desordenadas, controladas e com atribuição de nomes**. Nesse estágio, a criança desenha espontaneamente traços desordenados, sem controle, não respeitando os limites, desenhando, assim, pelo prazer de movimentar o lápis sobre o papel.

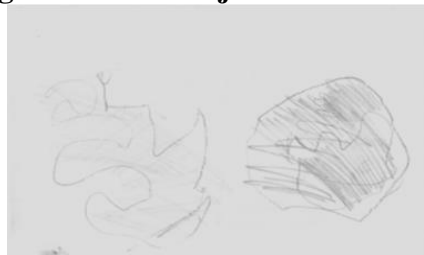
As **garatujas desordenadas** são traços simples, que percorrem todo o papel sem direção, desenha sem intenção de representar algo, não controla seus movimentos. Seguindo, as **garatujas controladas**, a criança começa a ter o controle sobre seus traços, formas circulares começam a ganhar forma. E, por último, nas **garatujas com atribuições de nomes**, o controle sobre o traçado é adquirido, transformando o pensamento e nesse momento a criança sente a necessidade de nomear suas produções.

Figura 05: Garatujas desordenadas



Fonte: acervo pessoal.

Figura 06: Garatujas controladas



Fonte: acervo pessoal.

Figura 07: Garatujas com atribuição de nomes



Fonte: acervo pessoal.

Dando continuidade, após as fases das garatujas, surge o estágio **pré-esquemático**, começando geralmente por volta dos quatro anos e estendendo-se até os sete. “Os movimentos circulares e longitudinais convertem-se em formas reconhecíveis [...]” (LOWENFELD; BRITAIN, 1970, p. 149). Desta fase, são característicos o egocentrismo infantil e a figura humana presente nos traçados.

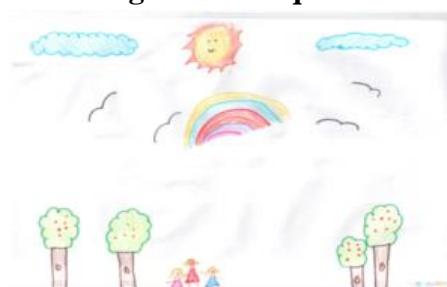
Logo, surge a fase **esquemática** que tem início por volta dos sete aos nove anos. Neste momento, o conceito espacial e de forma é desenvolvido e, com isso, os desenhos passam a ser mais descritivos.

Figura 08: Pré-esquematismo



Fonte: acervo pessoal.

Figura 09: Esquematismo



Fonte: acervo pessoal.

O último estágio, **realismo nascente**, começa aos nove indo até os doze anos. Nesta fase, a criança constrói desenhos expressivos, organizando os traços de forma detalhada e ordenada. “Uma das características notáveis desta fase do desenvolvimento é a descoberta, pela criança, de que é membro da sociedade, uma sociedade pelos seus pares.” (LOWENFELD; BRITAIN, 1970, p. 229).

Figura 10: Realismo nascente

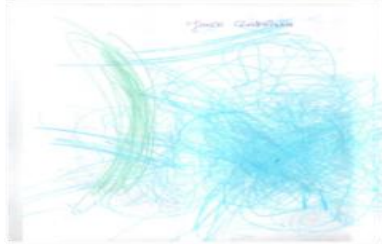


Fonte: acervo pessoal.

O psicólogo suíço Jean Piaget (2013) descreveu o desenho infantil por meio de um jogo, apoiado ao exercício, ao símbolo e à regra. Descrevendo o ato de desenhar como um sistema de representação, Piaget (2013) dividiu as fases gráficas em cinco: garatujas (desordenadas e ordenadas), pré-esquemática e esquemática, realismo e pseudo-naturalismo.

A primeira, **garatujas**, compreende o estágio **sensório-motor**, que ocorre de 0 a dois anos, a parte do estágio **pré-operacional**, dos dois aos sete anos, estão divididas em: desordenadas, ordenadas e identificadas. “O registro deste movimento é um rabisco incompreensível para o adulto: é a garatuja. Esta se inicia longitudinal e desordenada até adquirir certo ritmo” (MOREIRA, 1991, p. 28).

Na **garatuja desordenada**, os movimentos são desordenados, a figura humana não aparece, ocorrendo, assim, um jogo de exercício sem domínio. Na **garatuja ordenada**, seus movimentos são circulares, iniciando a construção do caráter de jogo simbólico, com o início da representação. “E a garatuja vai se modificando, conquistando novos movimentos, que de longitudinais vão se arredondando, tornando-se circulares, se envelopando, se espiralando. [...]” (MOREIRA, 1991, p. 30).

Figura 11: Garatuja desordenada

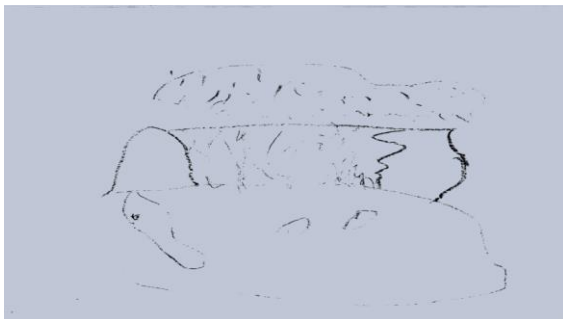
Fonte: acervo pessoal.

Figura 12: Garatuja ordenada

Fonte: acervo pessoal.

Adiante, no estágio **pré-esquemático**, referente à fase **pré-operatória**, acontece a conquista da relação pensamento, desenho e realidade. “O desenho-jogo simbólico vai se modificando e conquistando novas formas. Vão aparecendo figuras fechadas, com inscrições de dentro e fora. Começam a surgir os primeiros bonecos, quase girinos.” (MOREIRA, 1991, p. 36).

Posteriormente, o estágio **esquematismo** acontece no estágio das **operações concretas**, que vai dos sete aos doze anos. Nesse estágio, os desenhos são estruturados, havendo a conquista dos conceitos de espaço e linha de base, além da descoberta da cor/objeto.

Figura 13: Pré-esquemático

Fonte: acervo pessoal.

Figura 14: Esquematismo

Fonte: acervo pessoal.

O estágio seguinte, **realismo**, acontece no final das **operações concretas**. Nele as formas geométricas se formam, havendo a uma maior consciência sobre o sexo. “O uso da cor procura semelhança com o real do objeto representado e o espaço se estrutura dentro de regras claras: o que é céu e o que é terra têm lugares definidos.” (MOREIRA, 1991, p. 46).

No último estágio, **pseudo-naturalismo**, transcorrem as **operações abstratas**. O exercício, o símbolo e a regra se tornam presentes. Ocorre uma ruptura com a espontaneidade da criança, visto que ao longo do processo escolar há algumas metas a serem alcançadas, e a criança vai deixando o desenho de lado, negligenciando-o.

Figura 15: Realismo

Fonte: acervo pessoal.

Figura 16: Pseudo-naturalismo

Fonte: acervo pessoal.

Os autores Luquet, Lowenfeld, Brittain e Piaget abordam o desenho infantil de maneira semelhante; entretanto, cada teoria apresenta suas peculiaridades sobre o tema. Luquet (1969) considera a evolução do desenho a partir das interações sociais da criança com o meio social em que vive. Lowenfeld e Brittain (1970), por sua vez, estabelecem uma idade cronológica em que ocorrem as mudanças de fases. Por fim, Piaget (2013) descreve o desenvolvimento do desenho como um jogo, um apoio ao símbolo e à regra, descrevendo-o como um sistema de representação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao ser realizado o estágio curricular no curso de Pedagogia, foi possível questionar o lugar que o desenho ocupa dentro do ambiente educacional, sendo ele de grande importância para o desenvolvimento da criança, auxiliando, assim, no progresso psicomotor, emocional e cognitivo.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1970, p. 37), “Um desenho pode proporcionar a oportunidade do desenvolvimento emocional, e o grau em que isso é conseguido está em relação direta à intensidade com que o autor se identifica com sua obra. [...]”. Neste sentido, o desenvolvimento da criança está intimamente ligado a uma continuidade de fatores que ocorrem tanto no interior como no exterior da criança que está em constante processo amadurecimento afetivo. O mesmo ocorre com o desenho, pois ele vai se modificando conforme a criança se desenvolve.

Nas primeiras observações do estágio, percebeu-se que a relação das crianças com o desenho era bem restrita, pois elas apenas coloriam os desenhos já prontos das atividades que eram disponibilizadas a elas. Elas possuíam uma rotina pré-definida e apenas nos dias de sexta-feira tinham atividade de artes, entretanto, não todas as sextas. Sobre essa realidade, Derdyk (2003, p. 108-109) acentua que

O ensino fundamentado na cópia inibe toda e qualquer manifestação expressiva e original. A criança, autorizada a agir dessa forma, certamente irá repetir fórmulas conhecidas diante de qualquer problema ou situação que exige respostas. [...] O sistema escolar, de uma forma geral, encara o desenho como um manual de exercícios com fins utilitários e pedagógicos bem definidos e determinados. [...]

No período de regência, conseguimos apresentar algumas ações em que as crianças ficariam à vontade para questionar, desenhar, entre outras. Nisso foi realizada a contação de história com o tema “Qual é a cor do amor?” No decorrer da leitura, as crianças foram sendo questionadas sobre o texto e o que seria o amor para cada um.

Após a distribuição do papel e lápis de cor para as crianças, elas foram convidadas a desenhar sobre o amor. Notou-se no primeiro momento que as crianças não estavam tão interessadas em realizar a atividade, inclusive pelo pouco contato com o desenho livre, porém, depois de alguns incentivos elas começaram a desenhar.

Figura 17: Mural de desenhos



Fonte: acervo pessoal.

Na imagem acima, é nítido que o colorido que surge sobre as folhas carrega grandes significações para as crianças. No decorrer da atividade, foi perceptível que ao, desenharem, as crianças sentiam-se livres em expressar seus sentimentos sobre o papel e que tinham todo um cuidado ao desenhar, nomeando suas produções.

Ao serem questionadas, algumas crianças se sentiram à vontade para falar sobre o que estavam desenhando. Cada uma descreveu de maneira clara exemplificando em seus desenhos qual seria a cor do amor. Em seus relatos, as cores, os traços são carregados de significações que elas trazem consigo do ambiente social.

Importante frisar que cada criança desenhou em suas produções corações que representavam a cor do amor para elas. Na imagem abaixo vemos o cuidado de uma criança sobre seu desenho, explorando as cores para compor sua arte. Ao ser questionada sobre o que estava a desenhar, ela fala: “Tia, estou desenhando um arco-íris!”

Figura 22: Desenho em sala de aula



Fonte: acervo pessoal.

Essa criança encontra-se no estágio pré-esquemático em transição para o esquemático. Neste momento, as cores estão em destaque, mas podem não condizer com o objeto desenhado. “[...] Um homem pode ser vermelho, azul, verde ou amarelo [...]” (LOWENFELD; BRITAIN, 1970, p. 153).

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1970, p. 37), “Um desenho pode proporcionar a oportunidade do desenvolvimento emocional, e o grau em que isso é conseguido está em relação direta à intensidade com que o autor se identifica com sua obra. [...]”. O desenvolvimento da criança está intimamente conectado aos estímulos e acontecimentos que ocorrem no interior e exterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa percebeu-se que o desenho é uma atividade gráfica que oferece à criança ricas experiências e oportunidades de aprendizagem, estando ele em constante evolução, de acordo com o desenvolvimento da criança e os estímulos ambientais que recebem diariamente.

A produção gráfica é considerada um dos meios de comunicação utilizado pela criança para comunicar-se com o mundo adulto, sendo assim uma das primeiras manifestações de contato da criança, visto que a sua linguagem oral ainda não foi plenamente desenvolvida.

Portanto, a pesquisa visou compreender o papel do desenho para a comunicação da criança e para o seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, emocional e social. Ademais, de modo específico, buscou-se compreender a evolução do desenho ao longo dos anos; e analisar o processo gráfico infantil.

Como resultados desta investigação, percebemos a necessidade da compreensão aprofundada sobre o desenho infantil, seu desenvolvimento, suas características e significados, pelos profissionais que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental,

para que assim possamos favorecer o desenvolvimento integral do estudante por meio dessa linguagem tão rica que é o desenho, bem como compreender aquilo que a criança expressa e nos comunica no ato de desenhar.

Ao desenhar a criança deixa registrados sua identidade, sua história, medos, alegrias... O desenho possui uma marca única de cada artista. Apesar disso, em muitas instituições educacionais, o desenho não possui destaque, não havendo tempo ele, pois se prioriza a preparação das crianças para uma alfabetização cada vez mais precoce, deixando, assim o desenho de lado, bem como todo o seu potencial formativo e comunicativo e sua contribuição para o desenvolvimento infantil.

Ademais, o desenho também é um importante recurso que pode ser usado nas práticas pedagógicas, como forma de atrair o interesse da criança para a temática abordada ou de organizar o seu saber em uma produção autoral, sendo inúmeras as possibilidades para se trabalhar com o desenho na pré-escola e no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 30 de janeiro de 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC, SEF, 1997, 130p.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. D.F de 23 de dez de 1996.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo. Editora Scipione. 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Porto: Editora Livraria Civilização, 1969.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paul: Edições Loyola, 1991.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.